

## DIÁRIOS DE AULA: A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA UMA PRÁTICA CONTEXTUALIZADA E INTERDISCIPLINAR NA CONSTRUÇÃO DE NOVAS IDENTIDADES

**RODRIGUES**, Adriege Matias <sup>1</sup>

**SILVA**, Laíse Munique <sup>2</sup>

**Orientador (a): RODRIGUES**, Ana Cláudia da Silva

### RESUMO

Nesse trabalho buscamos apresentar uma reflexão através de vivências em salas de aula acerca da relevância da formação docente de maneira que envolva a realidade do sujeito sem anular o espaço que está inserido. Objetivamos assim relatar essas atividades desenvolvidas na Escola Municipal José Rocha Cirne, na localidade do sítio Domingos Vieira no município de Bananeira/PB, no intuito de que busquemos meditar as ações contextualizadas e interdisciplinarizadas na construção e no fortalecimento da formação da identidade. Utilizamos como instrumento metodológico a construção de coleta de dados através da realidade das aulas que ministramos nessa instituição que ocorreram em salas de aula multisseriadas do primeiro e segundo ano do ensino fundamental das series iniciais. Contudo, trabalhar de forma contextualizada e interdisciplinar equiparando os saberes já vivenciados nos deu a oportunidade de explorar a educação do campo. A escola, além de alfabetizar e transmitir conhecimentos gerais, deve possibilitar ao educando a compreensão do meio em que vive, capacitando-o para descobrir formas apropriadas para conviver de acordo com a sua localidade. Este trabalho foi desenvolvido ancorado no projeto A (re) Significação do currículo das escolas de Bananeiras/PB: Contextualização para o reconhecimento e formação da identidade dos sujeitos camponeses, onde discutimos a importância da formação dos

---

1 (Universidade Federal da Paraíba, Grupo de Estudos e Pesquisa Currículo e Práticas Educativas, Bananeiras/PB, Brasil, adriege\_matias@hotmail.com)

2 (Universidade Federal da Paraíba, Grupo de Estudos e Pesquisa Currículo e Práticas Educativas, Bananeiras/PB, Brasil, laise\_anjosdanoite@hotmail.com)

(Universidade Federal da Paraíba, Grupo de Estudos e Pesquisa Currículo e Práticas Educativas, Bananeiras/PB, Brasil, claudiacavn@yahoo.com.br)

professores para atuar nesse contexto de maneira que ocorra a interação entre as disciplinas existentes, realizando um trabalho intencional e direcionado.

**Palavras-chave:** Formação dos professores. Interdisciplinaridade. Contextualização.

## INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido a respeito da formação de professores, pensar em educação pressupõe pensar assim a formação docente e sua prática pedagógica com qualidade. Para tanto se faz necessário entender sua formação para o desenvolvimento dos saberes, o que exige qualificação, valorização profissional e políticas adequadas, considerando seu campo de atuação.

Desse modo este trabalho foi desenvolvido ancorado no projeto A (re) Significação do currículo das escolas de Bananeiras/PB: Contextualização para o reconhecimento e formação da identidade dos sujeitos camponeses. Com o objetivo de relatar as atividades desenvolvidas na Escola Municipal José Rocha Cirne, na localidade do Sítio Domingos Vieira em Bananeiras/PB, buscando refletir as ações contextualizadas e interdisciplinarizadas na construção e no fortalecimento da formação da identidade.

Nessa direção, entendemos que é relevante investir na formação de professores, para que possam ampliar suas concepções, refletirem suas práticas educativas e conseqüentemente, fazerem as mudanças necessárias na escola.

Considerando a máxima que o aluno aprende a partir do que é significativo e contextualizado com sua realidade ainda assim professores trabalham de maneira isolada, fugindo da realidade dos alunos.

Nossa proposta foi a de levar a interdisciplinaridade em nossas ações para que assim pudéssemos suprir essa necessidade de aprender a partir do contexto e de suas vivências. Valorizando a identidade social daquele determinado grupo, construindo assim conhecimentos a partir dessas relações sociais.

Tratando-se de uma proposta que visa esta integração disciplinar com as diversas ciências como defende Pombo (2004) "Visa integrar os saberes disciplinares", entendemos que não apenas esta nova integração pode ser feita, não se trata apenas de um mero agrupamento de saberes, mas sim construir um ensino

que interaja com o ambiente dos educandos de forma contextualizada. Como ressalta Carlos (2006):

Trata-se de uma prática que não dilui as disciplinas no contexto escolar, mas que amplia o trabalho disciplinar na medida em que promove a aproximação e a articulação das atividades docentes numa ação coordenada e orientada para objetivos bem definidos. (p.32)

Desse modo, ampliar o campo de ação pedagógico possibilita uma maior articulação entre os saberes na construção do conhecimento objetivando um maior controle na qualidade daquilo que os conteúdos de forma total possam dar aos educandos.

Nessa perspectiva, o foco central das práticas educativas deixa de ser a transmissão de uma cultura hegemônica e coesa. Colocando-se em cena a perspectiva intercultural dentro de um processo multidimensional, de interação entre sujeitos de identidades culturais diferentes.

[...] É uma oportunidade de crescimento da cultura pessoal de cada um, na perspectiva de mudar estruturas e relações que impedem a construção de uma nova convivência civil. A educação intercultural promove inclusive a mudança do sistema escolar: defende a igualdade de oportunidades educacionais para todos, requer a formação de educadores, estimula a reelaboração dos livros didáticos, assim como a adoção de técnicas e de instrumentos multimedias “(Nanini apud Fleuri, 2001)”.

Pensar por esse prisma é entender a educação dentro de um processo de criação e recriação de contextos, pois ela deve acontecer no universo das condições históricas e materiais da sociedade.

Destacamos o currículo como peça chave para o desenvolvimento do planejamento didático, uma vez que partindo da realidade muitas escolas do campo tornam-se obsoletas diante do seu currículo descontextualizado como também os professores outrora sem recursos ou desmotivados e até mesmo sem formação para a especificidade campesina.

Desse modo, discentes do campo como também toda a comunidade escolar acabam por reproduzir conceitos e valores do espaço urbano assim negando-se a própria identidade/realidade, por não ter referencia nem formação que o leve a refletir sobre seus reais valores, reconhecimento e direitos no espaço campesino.

Uma educação de qualidade não busca apenas preparar para o mundo (adaptar-se) nem tão pouco a transmissão de conhecimentos, mas a construção de uma consciência verdadeira, ou seja, um ser emancipado, consciente e independente, não alienado.

Sabendo-se das fragilidades encontradas nas escolas do campo inclinando-se particularmente ao desenvolvimento de novas práticas contextualizadas e interdisciplinarizadas nos surge um questionamento: podemos assim contribuir para a formação de novas identidades a partir de novas práticas contextualizadas e interdisciplinarizadas?

Objetivamos, dessa forma, relatar as atividades desenvolvidas na Escola Municipal José Rocha Cirne, na localidade do Sítio Domingos Vieira em Bananeiras/PB, buscando refletir as ações contextualizadas e interdisciplinarizadas na construção e no fortalecimento da identidade.

Durante a execução do trabalho atuamos de forma participativa indo há vários encontros nos quais nos reuníamos com o grupo de pesquisa “Currículo e Práticas Educativas” ao qual é atrelado ao projeto, para estudarmos a cerca da prática e reflexão das nossas ações metodológicas, avaliativas, após os encontros em momentos marcados partimos para as salas de aula enquanto os professores encontravam-se juntamente com toda a comunidade escolar construindo o projeto político pedagógico junto a demais discentes do grupo e nas formações continuadas propiciadas pelo projeto.

Na metodologia foi utilizada como instrumento de construção de dados da realidade. Nossas aulas ocorreram em salas de aula multisseriadas do primeiro e segundo ano do ensino fundamental das séries iniciais. Para o desenvolvimento desse estudo, buscamos conceitos que nos permita uma melhor aprendizagem com os sujeitos, dos quais são importantes para nossa busca de saberes. Deste modo, compreendemos que a nossa busca está em realizar uma melhor reflexão da realidade do contexto estudado.

Na experiência obtida, a análise dos dados coletados será uma ferramenta enriquecedora, visto que nos trás informações únicas e próprias do contexto em estudo. Seguindo esse pensamento buscamos utilizar das melhores técnicas de estudo para uma análise detalhada dos fatos que nos permitira um melhor aproveitamento dos dados obtidos.



## Desenvolvimento

Para se ter uma educação significativa é necessário que, valorize as diversidades socioculturais, ambientais e organizativas dos sujeitos camponeses construídas de forma coletiva nas áreas rurais. No entanto, a construção desse novo projeto de educação do campo, a partir de suas vivências, identidades, valores, culturas, sonhos e utopias, ainda representa um desafio na maioria dos municípios brasileiros. Primeiro, por que não é fácil construir um projeto de educação que contemple os anseios e as necessidades dos diferentes grupos sociais que vivem no campo. Segundo, por que temos no Brasil vários mundos rurais que coexistem no seio da realidade brasileira, cada um com suas potencialidades, especificidades e necessidades.

Sendo assim, é necessário que o educador tenha esse olhar de que os educandos trazem consigo saberes, os conhecimentos prévios que precisam ser valorizados e sistematizados com os conteúdos a serem ofertados, trabalhando de forma contextualizada de acordo com o meio que estão inseridos, sem fragmentar os conhecimentos que serão ofertados. Assim, possibilitando a produção de novos conhecimentos produzidos “a partir do velho, negando-o e transformando-o num processo dialético de continuidade/ruptura” (SAVIANI, 2003, p. 73).

Com planejamento pensado na identidade camponesa das localidades, desenvolvemos nossas sequências de forma contextualizada e interdisciplinares devido à necessidade de integração a sala multisseriada a fim de colocar o aluno como protagonista das ações desenvolvidas valorizando a sua identidade.

Trazemos como exemplo uma aula onde trabalhamos conteúdos de português via contação de histórias a qual traz essa prática de liberdade através da sua recriação, fazendo essa intervenção, de maneira que os educandos refletissem sobre o que foi lido, havendo esse diálogo e troca de conhecimentos atrelados à ação da ludicidade o que possibilitou trabalhar corpo e movimento juntamente com o exercício da imaginação em forma de reconto teatral encenado pelos discentes tornando assim possível trabalhar a interdisciplinaridade entre os conteúdos.

No primeiro momento, formamos um círculo com as crianças para exercitar as cordas vocais com a pronúncia das notas musicais.

No segundo momento sentamos em círculo em um tapete para a contação da história do um livro infantil “Eu sou o mais forte”. O qual abordou questões como a capa, o lugar em que se passava a história, a relação desse lugar com a vida delas (das crianças), afinal a história se passava em uma floresta, com uma paisagem parecida com a que eles vêem cotidianamente, os animais que são acostumados a conviver. De fato, tentando fazer essa relação para que aquela história fosse significativa para os educandos.

No terceiro momento convidamos as crianças a se dirigirem a um baú com fantasias para se caracterizar dos personagens no intuito de reviver a história contada.

Em seguida, as crianças apropriaram-se das fantasias e foram convidadas a se olharem no espelho e a socializarem-se umas com as outras com seus personagens. As crianças foram deixadas livres para criarem que fantasias quisessem a fim de exercitar a sua imaginação e liberdade de expressão.

No quarto momento foi pedido que a partir de sua imaginação cada um assumisse um personagem do conto narrado e que assim criassem a releitura da fala dos personagens do texto para o teatro da história. Esse momento foi riquíssimo, as crianças foram além da história narrada, criaram novos personagens, personagens esses que faziam parte do seu convívio, a história também trazia aspectos da vivência, ou seja, de fato conseguimos fazer com que criassem essa relação e se apropriassem daquele texto confrontando com a realidade.

O quinto momento foi o conclusivo em que ocorreu o teatro encenado pelas crianças com seus respectivos personagens, o que possibilitou trabalhar corpo e movimento, que de forma lúdica fez trabalhar a imaginação avaliando as suas potencialidades de desenvoltura diante da liberdade de expressão.

Justificamos a nossa proposta de levar a contação de história, pois é um método divertido e com a intencionalidade de despertar nos educandos, com a recriação da mesma, essa liberdade de expressão, essa troca de conhecimentos e informações.

Enfatiza-se a importância da autonomia dos educandos, pois através da dialogicidade, têm condições de se impor em sociedade. Capaz de construir e buscar seus direitos enquanto cidadãos. Uma educação que esteja disposta a considerar o ser humano como sujeito de sua própria aprendizagem e não como

mero objeto sem respostas e saber. Sua vivência, sua realidade e essencialmente sua forma de enxergar e ler o mundo precisam ser considerados para que esta aprendizagem se realize.

Nas aulas onde trabalhamos conteúdos de português via contação de histórias a qual traz essa prática de liberdade através da sua recriação, fazendo essa intervenção, percebemos um maior viés motivador de ações entre os alunos uma vez que desta maneira os educandos refletiram sobre o que foi lido. Além de se trabalhar diversas outras coisas, como outra atividade que desenvolvemos com a contação de história do livro “E o dente ainda doía” que traz diversos personagens animais, o qual pôde vincular a ciência no estudo dos animais aéreos, terrestres e aquáticos, observamos uma participação muito significativa e que exploramos ao máximo esse recurso didático para que se tornasse algo prazeroso para eles.

Sendo assim, não se pode pensar em uma educação do campo sem refletir a formação de educadores para atuar nessa área que requer um trabalho mais específico, além de um conhecimento maior sobre os sujeitos que ali residem para que de fato esse conhecimento levado seja significativo e passe a fazer sentidos aos mesmos, dessa forma, a escola que antes era vista como segundo Arroyo (2008) “excludente, seletiva e peneiradora” passa a ser uma escola que atende as especificidades de toda comunidade que a integra. Kolling (1999) aponta que:

“No campo se concentra o maior número de professores leigos, que são mínimas as possibilidades de formação no próprio meio rural e que, de modo geral, os programas de formação de professores, incluindo os cursos de magistério e os cursos superiores, não trata das questões do campo”. (KOLLING, 1999; p. 42)

Esses saberes necessários sobre a importância da contextualização e a valorização dos conhecimentos prévios que os professores precisam para que consigam contribuir de forma significativa na aprendizagem desses educandos parte de acordo com a sua realidade, de suas necessidades e limitações. A construção da identidade pessoal e social se dá através da interação com o outro, ou seja, a interação do professor com os alunos. Freire (1987) enfatiza:

“Pedagogia tem de ser forjada com ele (o oprimido) e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e re fará”. (p.54)

Quando o professor passa a ter domínio e atitude no trabalho, provoca uma abertura em relação e construção de suas próprias aprendizagens, a competência profissional vem com o tempo e com a experiência nessa troca incessante de saberes.

A educação do campo precisa ser uma educação específica, mas não desigual, sobretudo, uma educação para formação humana desses sujeitos, construindo referências culturais e consolidando sua identidade como sujeito do campo participativo, e isso é papel da escola e dos agentes educacionais que constitui a mesma, por isso ocorre essa necessidade de formação que garanta aos sujeitos camponeses uma educação de qualidade.

Os saberes docentes vêm sendo construído ao longo da vida desse profissional, assim nos diz Tardif (2004) quando ressalta que os professores possuem um saber plural, construído por diversos fatores, profissionais, disciplinares, curriculares e experienciais, dessa forma, pensar em educação pressupõe pensar assim a formação docente e sua prática pedagógica com qualidade que não anule os sujeitos, mas sim, que os dê autonomia para que possam fazer parte do seu processo de ensino aprendizagem.

## **Conclusão**

Através de uma prática educativa, vale ressaltar que a contação de história leva o educando a se sentir liberto desse poder opressor, dos métodos tradicionalistas de muitos professores.

Considerando nossa realidade das escolas camponesas, acompanhamos suas fragilidades não só didáticas como estruturais, por se tratar de uma categoria tratada com desdém sem o reconhecimento dos seus direitos.

Concluimos que atuar de forma contextualizada e interdisciplinar equiparando os saberes já vivenciados nos deu a oportunidade de explorar a educação do campo de forma mais ampla, conhecendo as suas especificidades e as realidades e identidades na nossa formação enquanto estudantes de diferentes contextos alcançando assim o nosso objetivo.

Diante do exposto, construir uma educação para o campo é formar educadores para atuar em diferentes espaços educativos desse setor, com



formação técnica política e social para intervir junto à escola, à família e à comunidade. Uma formação integral do sujeito de acordo com o seu meio. É preciso ainda que os educadores tenham conhecimento das necessidades específicas que as escolas do campo possuem para que possam utilizar de metodologias que facilitem o entendimento, fazendo com que os sujeitos se sintam parte da sociedade. Dessa maneira, edifica-se uma nova identidade de educador que precisa ser cultivada e disseminada no contexto da educação do campo.

Então, para que de fato consigamos trabalhar de forma interdisciplinar, e considerando os saberes prévios trazidos pelos alunos, é necessário que tenhamos uma formação que nos dê subsídios para tal prática pedagógica, por isso muitas vezes não encontramos esse tipo de metodologia em sala de aula, porque muitos docentes não têm formação suficiente para atuar dessa forma. É uma discussão bem ampla que precisa ser considerada e que é necessário a reflexão sobre que tipo de formação é necessário para os educandos dessa localidade, sem negá-los a sua origem, sem desconsiderar o meio riquíssimo que vivem.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CORDIOLLI, Marcos. **A relação entre as disciplinas em sala de aula: a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a multidisciplinaridade**. Curitiba: A casa de Astérion, 2002.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. 13ª Edição. Campinas: Papirus Editora. 1994.

GIDDES, Antony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 233 p. Idioma do livro: português. 2002.

PADILHA, Paulo Roberto. **Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

POMBO, O. **Interdisciplinaridade: Conceitos, problemas e perspectivas.** Revista Brasileira de Educação Médica. 2004.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional** / Maurice Tardif. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SAVIANI, Nereide. **Saber Escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico.** Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar.** Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.